

‘PROSTITUTA’ OU ‘GAROTA DE PROGRAMA’? TABUÍSMOS DIALETAIS PARA A PROFISSIONAL DO SEXO NO CENÁRIO TOCANTINENSE

‘PROSTITUTE’ OR ‘CALL GIRL’? DIALECTAL TABOOS FOR SEX WORK IN TOCANTINS (BRAZIL)

Greize Alves da Silva¹

Resumo: Este texto apresenta análise dialetal das referências nominais para a profissional do sexo, a partir do questionamento aplicado pelo *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins* (SILVA, 2018) em 12 localidades, a 96 informantes. Com a depreensão das diversas nomeações para se referir à ‘prostituta’ no Tocantins, objetiva-se verificar o comportamento linguístico dos falantes com relação a esse tipo de vocábulo-tabu. A análise dos registros orais indica extremo polimorfismo dialetal quanto à nomeação do referente, com maior produtividade para ‘prostituta’, ‘rapariga’ e ‘puta’. Ainda, as demais formas perfazem duas categorias semânticas: i) perfil ou caráter e ii) as lexicalizadas como sinônimos diretos para ‘prostituta’.

Palavras-chave: Tabuísmo; Eufemismo; Disfemismo; Prostituta; Atlas Linguístico do Tocantins.

Abstract: This text presents a dialectal analysis of nominal references for the sex worker, based on the questioning conducted by the Topodynamic and Topostatic Linguistic Atlas of Tocantins (SILVA, 2018) in 12 localities, with 96 informants. With the understanding of the various nominations given to the ‘prostitute’ in Tocantins, the objective is to verify the linguistic behavior of Tocantins speakers in relation to this type of taboo word. The analysis of oral records indicates extreme dialectal polymorphism regarding the naming of the referent, with greater productivity for prostitute, girl and whore. Still, the other forms make up two semantic categories: i) profile or character and ii) those lexicalized as direct synonyms for ‘prostitute’.

Keywords: Linguistic taboo; Euphemism. Dysphemism; Dialectal variation; Linguistic Atlas of Tocantins.

Introdução

Tópicos vinculados ao comportamento, gestos ou à linguagem, quando correlativos à sexualidade humana, são comumente estigmatizados pela sociedade, resultando na interdição

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Docente do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras), da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. Autora do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALiTTETO), membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e do GT Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira (ELiAB). Coordena o projeto "Falares do Tocantins: Plurivarietalidade e contexto migratório". E-mail: greize_silva@uft.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2589-6750>

do seu uso. Os fatores que levam a essa estigmatização compreendem desde as normas culturais e religiosas de um grupo específico, perpassando por questões ligadas à desigualdade de gênero, à falta de educação sexual, e até a aversão ou medo do desconhecido – aspectos ligados à moralidade. Em sentido lato: “[...] as questões que envolvem a gestão do sexo se desenvolvem concomitantemente às transformações políticas e econômicas da sociedade” (Silva, 2013, s.p), pois, demandas culturais e interditas estão sempre atreladas ao contexto de mundo em que o indivíduo está inserido dentro da coletividade

Em uma perspectiva *stricto sensu* sobre as questões que abrangem o sexo, estão as linguísticas, como por exemplo as diversas denominações para determinadas práticas sociais, nas quais se inserem as atividades de prostituição. Especificamente para a ‘prostituta’, ou seja, a mulher que mantém relações sexuais em troca de pagamento – uma associação que se estabelece entre o capital e a mulher envolvendo ‘um tipo de serviço’ e um homem que está disposto a pagar por ele –, a empreitada é carregada de estigma social, tabu, fornecendo à profissional do sexo muitos tipos de nomeações, sendo considerada a “mulher mais difamada da história” (Roberts, 1998, p. 1992).

Dentro do universo nominativo fornecidos pelos falantes à profissional do sexo, há incluído o que se chama de tabuísmo, ou seja, palavras que evocam estigma social por parte de quem as pronuncia e sobre o que se pronuncia. A palavra-tabu é um importante indicativo de mecanismos de variação e mudança semânticas, pois o falante faz uso de sinônimos, muitas vezes eufêmico, para preencher o vazio discursivo (Ullmann, 1976) que um vocábulo impronunciável deixaria.

Partindo dessa temática, este trabalho se centra no estudo dialetal das designações para ‘prostituta’, a partir do *corpus* coletado para o Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALiTTETO) (Silva, 2018), especificamente para o questionamento de número 112 – “Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?” (Silva, 2018, p. 25), coletado em 12 localidades tocantinenses, somando 96 informantes devidamente estratificados por sexo, idade e tipo de mobilidade. O objetivo é depreender as diversas nomeações dadas para a profissional do sexo, no Tocantins, a fins de que possa verificar o comportamento linguístico dos falantes com relação a esse tipo de vocábulo-tabu.

Nesse contexto, a pesquisa proposta busca entender como as variantes lexicais para o referente em análise refletem e perpetuam o estigma social relacionado à ‘prostituta’ e, consequentemente, ao papel da mulher ao longo da história. Ademais, ao analisar como os falantes lidam com um vocábulo-tabu, revela-se o comportamento linguístico em relação a esse

tema sensível, na busca pelo entendimento sobre as dinâmicas culturais e sociais envolvendo a sexualidade e a linguagem.

Para esses horizontes abordados, a primeira parte do texto apresenta um panorama da história da prostituição e, conseqüentemente, do papel exercido pela mulher ao longo dos séculos, de como a prostituição poderia ser compreendida, desde a Pré-História, perpassando Antiguidade, Idade Média e Contemporânea. Fornece-se, assim, subsídio para entender como o termo ‘prostituta’ (e seus derivados) chega na época atual e varia, em um movimento de gradação de sentido, de acordo com o contexto histórico e social. Na segunda seção do artigo, faz-se uma pequena revisão de como podem ser classificados os tabus linguísticos e sua importância para o contexto da Dialetoologia, quais os mecanismos eufêmicos e disfêmicos usados pelo falante para se evitar o termo tabuístico. No tópico seguinte, a terceira seção, os dados são dispostos e analisados à luz do aporte mobilizado; são apresentadas as formas polimórficas coletadas junto aos informantes do ALITTETO (Silva, 2018). Por fim, as considerações finais apresentam algumas reflexões sobre a análise realizada.

2 A prostituição: breve resgate histórico-social

É complexo precisar quando a prostituição foi primeiramente descrita. O que se sabe é que ela existe em diferentes culturas e com valores simbólicos muito distintos. Roberts (1998) destaca que a figura feminina dotada de uma sexualidade fundadora é encontrada em registros iconográficos no período Paleolítico ou da Pedra Lascada (25.000 a. C), normalmente relacionadas às divindades femininas, a mulher como origem da existência, a Grande Deusa, “criadora, preservadora e destruidora de toda a vida” (Roberts, 1998, p. 20). O sexo feminino, nesse entendimento, seria a encarnação terrena da divindade celestial e a sociedade estaria voltada para uma visão matrifocal de mundo, ou seja, centrada na mãe, sendo a figura paterna pouco relevante dentro da organização.

Ainda segundo a autora, em 10.000 a.C datam as primeiras civilizações agrícolas, cuja ordenação também era centrada no sexo feminino, a cultura, a religião e o sexo eram interligados ao aspecto divino, sacerdotal, situação que começou a se modificar mais tarde, por volta de 3.000 a.C com as invasões de tribos masculinas nômades (Roberts, 1998, p. 21-22). Com o tempo, divindades masculinas também foram criadas e novas formas de casamentos foram introduzidas nessas sociedades, passando alguns direitos, que eram específicos das mulheres, para a figura paterna, os direitos sobre os filhos, por exemplo.

Especificamente sobre a prostituição, constam registros escritos sobre um tipo de prostituição intitulada de ‘sagrada’, exercida por mulheres nos templos que se dedicavam à Grande Deusa; são as prostitutas-sacerdotisas, responsáveis por arrecadar dinheiro e outros bens para o templo, em troca de ritos sexuais. Por causa de sua posição místico-religiosa, essas mulheres tinham um respeitado papel dentro da organização das sociedades, uma vez que eram as representantes das divindades (Silva, 2013, [s. p]; Batista, 2011).

Parent-Duchatelet *et al.* (1955) descrevem a presença das sacerdotisas servindo à grande Deusa em diferentes civilizações do mundo antigo e, em cada uma, a divindade possuía um nome distinto: Milita (para os assírios), Anaitide (armênios), Astarté (fenícios) e Isis (egípcios). Ainda segundo os autores, o culto estendeu-se de Chipre às demais ilhas do mediterrâneo, passando para a Grécia e Itália, cuja divindade recebia o nome de Afrodite e Vênus, respectivamente.

Com o passar os séculos, as mulheres, antes consideradas representantes da grande Deusa (da fertilidade), passam a ser classificadas entre ‘respeitáveis’ e ‘não respeitáveis’, papel que dependia sobretudo da relação que essa mulher tinha frente ao homem, dentro (ou não) da proteção e do controle masculino (Oliveira; Guimarães; Ferreira, 2017). Desta forma, a prostituição-sagrada foi cedendo lugar para à prostituição unicamente comercial, um pouco mais próxima do que se conhece hoje, na medida em que a prostituta perde seu caráter sacerdotal e é enquadrada em um critério de ‘não respeitável’ – processo que vai se consolidar no cristianismo.

Na Grécia, embora tenha sido também registrada a presença marcante da prostituição-sagrada, há a figura do meretrício fora do eixo sacerdotal, em locais específicos destinados a essa atividade, com finalidade mercatória e muito lucrativa que, por este motivo, foi amplamente explorada pelo estadista e legislador Sólon (638 a.C. - 558 a.C.)². Ele construiu o ‘Dicterion’, estabelecimento mantido pelo Estado, que cobrava de seus frequentadores um valor fixo em troca de sexo (Parent-Duchatelet *et al.*, 1955). Vale ressaltar que as mulheres

² [...] A prostituição secular começou a florescer em Atenas em uma escala jamais imaginada. Sólon, rápido na avaliação dos enormes lucros conseguidos pelas prostitutas, tanto as comerciais quanto as religiosas, começou ele próprio a organizar o negócio, o que resultou em uma grande proliferação por toda Atenas de bordéis iniciais, administrados pelo Estado. Este empreendimento mostrou-se tão bem-sucedido que Sólon conseguiu mais que o suficiente para financiar sua imensa máquina militar: constava que o porto ateniense de Pireus foi virtualmente construído com os lucros do seu maciço comércio sexual. Em "gratidão", Sólon construiu um magnífico templo em honra a Afrodite, a deusa grega do amor; e outras cidades gregas, como Corinto, que se tornou famosa pela fabulosa riqueza gerada em seus bordéis, rapidamente seguiram o seu exemplo (Roberts, 1992, p. 35).

prostituídas nos bordéis gregos administrados pelo Estado eram, em sua maioria, escravas adquiridas por cidadãos ricos que as oferecia à Afrodite (Roberts, 1998, p. 38), em troca de favores ligados ao universo sentimental e à sexualidade.

Ainda na sociedade grega, registra-se a presença de três categorias de profissionais do sexo: i) as *hetaeras* (*hetairas* ou *etéreas*), cortesãs que, além de prestarem serviços sexuais, também eram intelectualizadas e tinham a liberdade de conversar, de assistir espetáculos e reger seus próprios negócios; é uma categoria bem distinta das outras mulheres presentes nos bordéis (Parent-Duchatelet *et al.*, 1955; Roberts, 1992). Seus clientes eram homens que frequentavam os círculos mais abastados da civilização grega, tais como legisladores e escritores.

A outra categoria eram ii) as *auletrídeas* que, além de prostitutas, também eram artistas, tocavam flautas e eram bailarinas; por isso também possuíam vida social ativa, embora mais modesta do que as *hetaeras*. E, por fim, iii) as *dicteríades*: as escravas da prostituição que viviam no Dicterion criado por Sólon (Parent-Duchatelet *et al.*, 1955, p. 52).

Essas três categorias de prostitutas não tinham relação entre si, exceto no que diziam respeito às instituições em geral. Todas indistintamente satisfaziam os apetites carnis dos mais ilustres aos mais humildes dos atenienses. Existiam graduações na prostituição como nos cidadãos. A elegante e orgulhosa *etérea* do Cerâmico, diferia da *dicterídea* do Píreo, como o gentil e garboso Alcebíades diferia do tosco e grosseiro mercador (Parent-Duchatelet *et al.*, 1955, p. 52).

Como se pode notar pelas três classificações das prostitutas gregas, há uma pirâmide social em Atenas refletida nos três tipos de profissionais do sexo. Esse padrão de estratificação social vai se repetir até os dias atuais, com a divisão entre a prostituição luxuosa – em que a profissional pode escolher a clientela – e a prostituição vinculada às camadas mais pobres – na qual mulher não tem a opção de seleção do cliente, além de exercer o meretrício em locais insalubres ou mesmo nas ruas dos grandes centros.

Ainda no mundo clássico, entre os romanos, não havia bordéis administrados pelo Estado, mas foi deles a criação de um tipo de registro profissional para as prostitutas de classe baixa, com a notação de seus dados pessoais como nome, idade local de nascimento, uma espécie de cadastramento, após o qual elas recebiam uma licença para trabalhar e estabeleciam o seu preço, a *licentia stupri* (Parent-Duchatelet *et al.*, 1955, p. 90). Esse tipo de registro forneceu a divisão entre as ‘*meretrices*’³, ou seja, as registradas, e as ‘*prostibulae*’, as não

³ Parent-Duchatelet *et al.* (1995) fornecem a etimologia para ‘*meretrices*’ como sendo aquelas que comercializavam o corpo ao final da tarde, na hora da ‘merenda’.

registradas (Roberts, 1992). Desse segundo grupo é procedente a etimologia da palavra ‘prostituta’, que na origem latina indica expor-se em público, oferecer-se (Le Petit Robert, 2001; Parent-Duchatelet *et al.*, 1955).

Com adoção do Cristianismo como religião oficial de Roma em 337 d.c e a admissão de um caráter mais voltado à dualidade entre o bem e o mal, procedente do caráter religioso, a prostituição tornou-se repreensiva e pecaminosa, uma vez que um dos pilares da recém adotada religião era a castidade antes do casamento, evidenciado em várias passagens da *Vulgata*⁴, como em Coríntios 7: 9, cujo apóstolo Paulo explica à comunidade de Corinto que o corpo é “templo do espírito” e especificamente sobre o matrimônio e o celibato: “Mas, se não podem controlar/guardar a continência, casem-se. Pois é melhor casar do que queimar/abrasar-se” (Bíblia, 2005, tradução livre).⁵

Ainda neste livro bíblico, especificamente sobre o sexo com prostitutas, enquanto o texto grego usa a palavra ‘prostituta’ (πόρνη), a Vulgata Latina usa “meretrice” (BIBLIA sacra juxta Vulgatam Clementinam, 2005). Nas versões bíblicas protestantes, a palavra "prostituta" ou "meretriz" é mantida. No entanto, a Bíblia Sagrada Ave Maria (Bíblia, 2016) substituiu o termo por "mulher pagã", deslocando o significado original de "mulher que se vende" para "mulher sem fé". Isso reflete a eufemização e a separação entre mulheres ‘respeitáveis’ e ‘não respeitáveis’. O ideário de Paulo sobre a prostituição como pecado persistiu na Idade Média, embora tenha sido parcialmente tolerada, principalmente para satisfazer os desejos masculinos sem perturbar as mulheres "de bem". A presença de prostitutas era até mesmo requerida durante as incursões militares na Europa católica, apesar das objeções da Igreja.

Em contexto colonial brasileiro, especificamente, a história das mulheres no território foi registrada a partir do trecho da carta do Padre Manuel da Nóbrega ao Rei português: “Vossa Alteza mande muitas orphans e si não houver muitas venham de mistura dellas e quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem a terra” (Nóbrega, 1549, p. 12). A carta apresenta uma premente solicitação do padre jesuíta ao Rei de Portugal João III para que enviasse mulheres brancas para se casarem com os portugueses em terras tupiniquins e assim frear a miscigenação entre os homens do reino e as indígenas da

⁴ Outros exemplos em Hebreus, 13:4;1 e Coríntios 7:3-4 (Novo Testamento, 2004).

⁵ No original: “*Quod si non se continent, nubant. Melius est enim nubere, quam uri*” (Bíblia, 2005).

Colônia. A solicitação foi atendida pelo monarca, com o envio inicial de 18 órfãs⁶, as intituladas ‘Órfãs da Rainha’ Catarina da Áustria, esposa do rei (Cordeiro, [s.d], [s.p]). Posteriormente, muitas outras mulheres foram trazidas à Colônia, não apenas órfãs, mas “a mistura dellas e quaesquer”, como referido por Nóbrega (1549).

A expansão ultramarina portuguesa e os interesses da Coroa, aliados aos preceitos religiosos, levavam a Igreja a enxergar nas mulheres-prostitutas a oportunidade de conversão à fé crista, a expiação dos seus pecados e o povoamento da recém-descoberta Colônia no Novo Mundo, como apontado por Meyhi (2015), ou seja, seria a promessa ‘adequada’ (conveniente) de conversão das pecadoras, aliados aos interesses de Portugal. A associação entre prostituição e Estado, tal como ocorre com o Sólon (638 a.C. - 558 a.C.) e seu ‘Dieterion’ é, portanto, uma constante histórica a ser observada.

Particularmente sobre província de São Paulo, ainda no Brasil Colônia, o relato do viajante e botânico Saint-Hilaire (1851) fornece a dimensão da quantidade de meretrizes espalhadas pelas ruas paulistas que, segundo ele, “Em nenhum lugar eu tinha visto tantas prostitutas; eram de todas as cores, as calçadas estavam, por assim dizer, cobertas delas. Caminhavam devagar ou esperavam os fregueses nas encruzilhadas⁷ (Saint-Hilaire, 1851, p. 271), situação que se repetia em várias outras capitânias.

Posteriormente, a partir do século XIX, com a vinda da Família Real portuguesa, há um incremento de diversas naturezas no âmbito social brasileiro, inclusive com a chegada de muitas imigrantes e ‘mulheres públicas’ da capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, depois de 1808 “eram recrutadas não apenas entre os nativos brasileiros, mas também entre os não-brasileiros, principalmente africanos e europeus livres” (Soares, 1988, p.17)⁸.

Soares (1988, p. 16-17) elenca, além da presença das brasileiras (negras e brancas), as intituladas ‘ilhoas’, mulheres procedentes das ilhas portuguesas, e também as oriundas de países como Albânia, Austro-Hungria, França, Polónia. Outro fato descrito pelo autor se refere ao ‘nível de prostituição’ das estrangeiras: enquanto as intituladas ilhoas portuguesas atuavam na

⁶ O romance *Desmundo* (Miranda, 1996), narra a história de Oribela, uma dessas órfãs enviadas para se casar em terras brasílicas. Indica-se também a versão fílmica do romance (Desmundo, 2022), contendo um belíssimo trabalho linguístico com os diálogos do filme vertidos em português arcaico.

⁷ No original: “Nulle part je n’avais vu un aussi grand nombre de prostituées; il y en avait de toutes les couleurs, les pavés en étaient, pour ainsi dire, couverts. Elles se promenaient avec lenteur ou attendaient les chalands dans les carrefours” (Hilaire, 1851, p. 271).

⁸ No original: “The “public women” of Rio de Janeiro in the nineteenth century were not only recruited from among native Brazilians but also non-Brazilians, principally free Africans and Europeans.” (Soares, 1988, p. 17).

chamada “prostituição de classe baixa”, as demais eram incluídas na categoria alta de prostituição, sobretudo as francesas, as ‘cocottes’, como elucidada o autor:

Quanto à prostituição de luxo ou de ‘alta classe’, a das ‘hospedarias chiques’ do Catete e arredores, pode-se dizer que era reservada às francesas ou às brasileiras brancas, as ‘cocottes’, como eram chamadas. [...] Dizia-se então que muitas delas trabalhavam como costureiras durante o dia na Rua do Ouvidor (a rua mais elegante do Rio) e depois à noite se entregavam aos prazeres e à imoralidade (Soares, 1988, p. 18)⁹.

Na literatura brasileira são abundantes as histórias narradas sobre o envolvimento amoroso entre os jovens da sociedade carioca com as cortesãs¹⁰, exemplo descrito em Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cujo personagem apaixonou-se por Marcela, uma prostituta de luxo. Embora Machado não utilize claramente esses termos, o tom irônico do autor permite a nuance capitalista que caracteriza a prostituição no envolvimento da cortesã com o jovem Cubas: “Marcella amou-me durante quinze mezes e onze contos de réis; nada menos.” (Assis, 1881, p. 65). Ainda é possível mencionar o romance *Lucíola* (Alencar, 1887), que narra a história de Lúcia, uma prostituta de luxo; também *Amar verbo intransitivo* (Andrade, 1927), em que o jovem Carlos se apaixonou pela prostituta alemã Elsa, contratada por seus pais para a dupla função: como governanta da casa e para fazer a iniciação sexual do garoto.

Fora das narrativas literárias, com o aumento desenfreado da prostituição na cidade carioca, sobretudo as de classe mais baixa, recomendou-se a criação de locais apropriados para a prática, os bordéis, espaços esses que deveriam estar sob o comando de “um governante” (Soares, 1988, p.31) e este ficaria responsável por zelar pela ordem. Historicamente, notam-se as exigências para a criação dos bordéis em 1840:

Quanto à localização dos prostíbulo, os médicos sugeriram a criação de áreas específicas, posteriormente conhecidas popularmente como ‘zonas de meretrício’¹¹, ou bairros de prostituição, para evitar a prática indiscriminada da prostituição na cidade. Ao mesmo tempo, tentavam controlar a circulação das prostitutas, propondo medidas como proibi-las de ocupar as mesmas alas dos teatros que as ‘mulheres honestas’. Segundo João Francisco de Souza, as mulheres que vivessem exclusivamente da prostituição de ‘porta aberta’ seriam obrigadas a residir em

⁹ No original: “Regarding luxury or “high-class” prostitution, that of the “chic lodgings” in Catete and the surrounding area, it can be said that it was the preserve of Frenchwomen or white Brazilians, the “cocottes” as they were called. The French prostitutes were a fixture among their contemporaries who frequented Catete. At that time, it was said that many of them worked as dressmakers during the day in the Rua do Ouvidor (the most fashionable street in Rio) and then at night were given over to pleasure and immorality” (Soares, 1988, p. 18).

¹⁰ Sobre a presença das prostitutas na literatura brasileira e estrangeira vide: Waldman (2002) e Moreira (2007).

¹¹ Aqui já está consolidada a ressemantização de “meretriz”.

determinadas ruas das várias freguesias da *Corte* (Soares, 1988, p. 34-35)¹².

Nessa perspectiva, nota-se o que Oliveira, Guimaraes e Ferreira (2017) descrevem quanto às duas categorias de prostituição no Brasil: a do ‘baixo meretrício’ e a de ‘luxo’¹³, muito dessemelhantes entre si. A primeira é a mais comum e a mais marcada socialmente; o ingresso das mulheres nessa prática ocorre em função de alguma urgência, normalmente por questões ligadas à sobrevivência, ao sustento dos filhos ou oriunda de problemas de ordem familiar (Oliveira; Guimarães; Ferreira, 2017). Comumente, essas mulheres atendem em casas, os meretrícios, ou ficam expostas nas ruas, em bairros mais centrais das grandes cidades. Recebem as mais variadas designações, sendo intituladas por palavras estigmatizadas, tabuísticas, disfemizadas.

Avançando na história da prostituição e considerando o cenário contemporâneo, temos uma crescente do tipo de prostituição intitulada como ‘luxuosa’, apresentada da seguinte forma em contexto atual:

[...] as prostitutas de luxo, ou garotas de programa, são mulheres que encontram seus clientes em bairros de classe alta da cidade, por meio de sites, catálogos de modelos, boates, bares ou clubes de *striptease*. Muitas dessas mulheres fazem curso superior e realizam programas de duração mais longa, e não apenas sexuais, podendo ser contratadas, inclusive, como acompanhantes executivas. Elas prezam por manter a discrição demandada pela maioria dos clientes e, com essa finalidade, realizam todos os seus contatos por uma linha de telefone à parte (Oliveira; Guimarães; Ferreira, 2017).

Nota-se que há uma clara distinção social entre os dois tipos de prostituição, cujo poder aquisitivo fornece a tônica para a diferença no tratamento entre ambas. O nível socioeconômico da profissional, o valor cobrado e, conseqüentemente, o poder monetário do homem que busca os serviços, é fator determinante. As nomeações fornecidas para o segundo grupo são mais amenas, menos ofensivas, uma vez que ligam o ato de se prostituir à uma profissão, uma ocupação: ‘garotas de programa’, ‘*escort girl*’, ‘profissionais do sexo’, especialista em fantasias sexuais, ‘dama de companhia’ (Dias, 2007, [s. p]).

¹² No original: “Regarding the location of the brothels, the doctors suggested that specific areas, later popularly known as ‘zonas de meretrício’ or red-light districts, should be created to prevent the indiscriminate practice of prostitution throughout the city. At the same time, they attempted to control the movement of prostitutes, proposing such measures as prohibiting them from occupying the same parts of theatres as ‘honest women’. According to Joao Francisco de Souza, women who lived exclusively by ‘open door’ prostitution” would be obliged to live in determined streets of the various parishes of the *Corte* (Soares, 1988, p. 34-35).

¹³ Soares (1988) apresenta mais de um tipo de classificação para os tipos de prostituição, uma vez que seu trabalho apresenta *corpus* do século 19. No entanto, neste texto adota-se a classificação de apenas dois tipos de prostituição, a do ‘baixo meretrício’ e a de ‘luxo’, tendo em vista o recorte dialetal contemporâneo que aqui se apresenta.

Observa-se atualmente uma aparente ‘glamourização’ da prostituição, processo iniciado pelo advento das redes sociais, pela internet, cujas garotas expõem seu trabalho como forma de angariar mais clientes; outras, optam por narrar as histórias sobre a atuação envolvida no programa. Exemplo deste encontra-se em Raquel Pacheco, conhecida pelo pseudônimo de Bruna Surfistinha, cuja história ficou notória após Raquel expor em um blog detalhes de seu *métier* como garota de programa em São Paulo, vindo a publicar o livro *O doce veneno do escorpião* (Bruna Surfistinha, 2005), que, posteriormente, ganhou uma versão cinematográfica (Bruna Surfistinha, 2011).

O ideário apresentado por Bruna Surfistinha (2005), por exemplo, ocasionou o surgimento de muitas outras mulheres que falam abertamente nas mídias e redes sociais sobre sua escolha pela prostituição, comumente atrelada a uma vida mais luxuosa, a “prostituição elegante” (Parent-Duchatelet *et al.*, 1955, p. 92), muito diferente da praticada pela grande maioria das que exercem sua profissão nas ruas das grandes cidades, nos centros, por exemplo.

Outra categoria advinda das redes sociais, das mídias, muito embora se discuta se elas podem ser classificadas ou não como prostitutas, são as intituladas ‘*sugar babys*’ – em tradução literal, ‘bebê de açúcar’ –, cuja relação consiste em uma mulher mais jovem (a ‘*sugar*’) que mantêm relações com um homem mais velho (o ‘*daddy*’), em troca de vínculos financeiros. Tanto as ‘*sugar*’ quanto os ‘*daddy*’ se cadastram em sites, inserem fotos, descrevem gostos pessoais e buscam seu relacionamento dentro da plataforma.

São vários os sites que oferecem o serviço, dentre eles o intitulado *Meu Rubi* (Meu Rubi, [s. d]), em cujo texto de apresentação aparece: “[...] é extremamente proibido a promoção de atividades ilícitas (como prostituição) ou comercial de qualquer tipo” (Meu Rubi, [s. d], [s. p]). Tais dizeres, além de isentarem o site de problemas judiciais (dado que a prática da prostituição é configurada crime pelo Código Penal), corroboram com o aspecto romantizado sob o qual é caracterizado o relacionamento *Sugar*. O site ainda prossegue na explicação:

Garotas estão procurando o amor, romance e a vida envolvente cheia de segurança financeira, elas gastam a atenção delas procurando um cara que possa suprir o que desejam. [...] um relacionamento sério a longo prazo chamado relação de *sugar*. Comece com o autorrespeito: relacionamento *sugar* é um relacionamento sério, mutuamente benéfico e de longo prazo. (O meu rubi, [s. d], [s. p]).

Tal excerto evidencia o caráter de fantasia e romance e promove a associação entre interesses materiais, financeiros e desejos sexuais. Entretanto, com a ausência do termo ‘sexo’, não se deixa claro o que as garotas desejam, abrindo espaço para interpretações: afeto, proteção,

cuidado e presentes que os simbolizem. Ameniza-se, assim, o quesito da comercialização sexual. A presença da expressão ‘relacionamento sério’ promove sua aceitação social. De qualquer forma, todo o texto busca tratar o Sugar em uma perspectiva objetiva, moderna, diferenciando-se da prostituição convencional ou se classes baixas. Assim, a internet fornece uma nova roupagem, uma nova visão para a prostituição e no sentido da existência de valores simbólicos distintos para dois tipos de profissionais do sexo e as formas nominalizadas que recebem.

Pelo exposto, verifica-se que a prostituta (e, portanto, suas denominações), ao longo do tempo, é um elemento constante na sociedade. Desde que perde seu caráter sacerdotal, religioso, a associação à ‘mulher sem fé’ ou ‘não respeitável’ não coíbe a prática, mas somente classificam a mulher prostituta à um status de inferioridade. Nessa perspectiva, as nomenclaturas para aquela que exerce atividade sexual em troca de dinheiro se remetem às palavras de baixo calão, tornando-a um tabu linguístico, que causa vergonha ou receio ao ser pronunciado, justamente por esse processo inferiorizador, estigmatizador acerca da figura da prostituta, que ganha contornos com o cristianismo. Além disso, a divisão entre ‘baixo’ e ‘alto meretrício’ que se reflete no léxico e na variação dialetal, permanece na história e se estende aos dias atuais, ganhando novo corpo, novas classificações, com o advento da internet. É possível portanto, verificar o comportamento linguístico dos falantes da atualidade, com relação às terminologias para ‘prostituta’, remetendo-se ao movimento histórico que compreende suas diversas denominações. Assim, no próximo tópico são apresentados os preceitos teóricos da dialetologia utilizados para esta análise.

3 A relação entre Dialetologia e tabuísmos linguísticos

A Dialetologia é por excelência a ciência da variação, responsável pela coleta sistemática de dados *in loco* e pela análise nos eixos em que uma língua pode variar, tanto em uma perspectiva diatópica (distribuído de maneira geográfica), quanto diastrática (variações que ocorrem em virtude da convivência entre os grupos sociais) ou diageracional (associada com a diferença na fala entre falantes de idades distintas). Como salienta Silva (2018), desde sua sistematização como ciência, a partir dos estudos de Jules Gilliéron, na França, ganhou diferentes contornos teórico-metodológicos, fruto das inovações tecnológicas e sociais em dada época.

Atualmente a Dialetologia, por meio dos preceitos oriundos de outras ciências (Antropologia, Psicologia Social, Sociolinguística e Sociologia,), tem estudado as variações sob

a intrínseca relação entre língua e cultura, pois cada comunidade de fala possui suas crenças a respeito do uso da língua e esse conjunto de normas deve ser observado. Neste sentido, quando se analisam determinados nomes provenientes das comunidades, há palavras que são mais aceitas e, outras, no entanto, que podem remeter ao proibido, ao profano, os intitulados *tabus linguísticos*, que aludem diretamente ao tema deste texto.

“O tabu lingüístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra” (Guérios, 1995, p. 11). Para Monteiro (1986), os vocábulos-tabu estão mais ligados à crença de como o falante acredita que será visto se proferir a palavra proibida: “A verdade, porém, é que a proibição ou o temor de usar uma dada expressão parte sempre da crença de que a linguagem oculta um poder de nos subjugar de forma irremediável (Monteiro, 1986, p.15).

Guérios elenca dois tipos de tabus linguísticos: os próprios e os impróprios. Em sua forma própria, o tabu está ligado à dimensão mágico-religiosa de determinada palavra, enquanto os impróprios ligam-se à moral, os sentimentos, aos costumes (Guérios, 1995). O *corpus* que aqui se analisa centra-se nos tabus impróprios, uma vez que a terminologia para ‘prostituta’ está ligada à moral, ao sexo, à sexualidade. Apesar de o fenômeno das palavras tabuizadas constituírem-se como universal, em todas as épocas, em distintos países, comunidades, ele não é homogêneo e não atua da mesma forma em todas as realidades, país ou região, uma vez que cognominar determinado vocábulo como profano, por exemplo, está atrelado ao contexto sociocultural daquela comunidade e de como essa comunidade enxerga o mundo, como a seção anterior indica.

Para Ullmann (1976), os tabus são agrupados de acordo com a motivação psicológica do indivíduo, podendo ser por: medo, delicadeza ou decoro/decência – o que não significa que essa natureza psicológica do termo tabuizado seja afastado das questões históricas e sociais em que o falante se insere. Os tabus ocasionados por ‘medo’ subjazem as nomeações para seres sobrenaturais, cuja pronúncia nominal poderia evocar malefícios para quem os pronuncia; estão neste rol os nomes fornecidos à entidade que vive no inferno, por exemplo. Já os ‘tabus de delicadeza’ são mobilizadas para se evitar palavras que aludem a questões desagradáveis, tais como doenças e defeitos físicos, por exemplo. Por fim, os ‘tabus de decoro ou decência’ estão intimamente conectados às questões que envolvem o sexo, as partes e funções do corpo e aos juramentos.

Os vocábulos ligados ao universo do sexo são os mais facilmente identificáveis na língua, pois estão alicerçados em crenças do falante, em questões que revelam sentimento de insegurança e de julgamento e, por estes motivos, são os que mais evidenciam eufemismos

(Ullmann, 1976). Na tentativa de se evitar o termo tabuizado, o falante recorre a outros vocábulos sem a conotação do anterior, a esse processo dá-se o nome de metalexismo (Guérios, 1955, p. 15). Outros processos também são descritos pelo autor para se evitar a pronúncia do tabu linguístico, tais como: 1) gesticulação; 2) troca por sinônimo simples; 3) troca para sinônimo genérico; 4) estrangeirismo ou dialetismo; 5) troca por hipocorístico ou por uma antífrase; 6) disfemismo; 7) cruzamento entre vocábulos; 8) elipse, 9) diminutivo; 10) deformação fonética; 11) mudança sintática; 12) pluralização; 13) gênero neutro e 14) pronúncia em voz baixa (Guérios, 1955, p. 17-23).

Monteiro (1986) sintetiza os processos de substituição dos vocábulos tabu em oito dimensões:

- a) Adulteração fonética do vocábulo, quando a pronúncia de formas, palavrões ou nomes pode produzir mal-estar entre os falantes e ouvintes, neste caso, substitui-se algum fonema da palavra original para evitar o tabu (Exemplo: ‘desgramado’ (desgraçado), ‘pequepê’).
- b) Emprego de sinônimos, uma vez que o contexto situacional exige que certas palavras não sejam proferidas, assim, se pode utilizar um sinônimo que produz uma carga afetiva menos tabuizada (‘prostituta’ e ‘garota-de-programa’, por exemplo). O próprio falante poderá avaliar quais vocábulos podem ou não ser proferidos, a depender do tipo de interlocutor e do ambiente situacional.
- c) Substituição por gesto, por vezes a palavra tem carga semântica tão tabuizada, causando aversão, que o falante opta pela utilização de gestos, podendo também ser acompanhado de um sinônimo, na tentativa de seu interlocutor compreender a referência nominal. Pode-se também inserir neste item os risos por parte do falante após a pronúncia de determinada palavra, resposta natural ao nervosismo de uma situação.
- d) Uso de signos dêiticos, pois o falante, para não proferir o termo que sofre interdição linguística, faz uso de pronomes (pessoais e demonstrativos, sobretudo), para se evitar a carga semântica do vocábulo. São frequentes, principalmente em faixas etárias mais velhas, este uso para doenças graves, como o câncer: ‘aquela doença’; ou na desqualificação de determinada mulher, incluindo as profissionais do sexo: ‘aquela mulher’, ‘aquela lá’.
- e) Mudança no tom de voz, quando o falante tem receio do efeito que o termo tabuizado pode ocasionar, por isso é comum a mudança em seu tom de voz, por vezes, quase sussurrado. Também é uma forma de o falante indicar ao seu interlocutor que embora ele pronuncie a palavra-tabu, ele a faz porque não tem outra opção.
- f) Substituição por eufemismos, quando a palavra-tabu é representada por outra com carga semântica mais amena, com menor peso conotador. Seria possivelmente o caso de ‘piriguete’, encontrada no *corpus* como denominação para ‘prostituta’, uma vez que a primeira aparenta ser mais aceita socialmente.
- g) Substituição por disfemismos, quando o falante substitui o termo tabuizado por outro com carga pejorativa ainda mais forte. Seria, por exemplo, as citações de ‘puta’, ‘vadia’, dentre outras que podem ser verificadas no *corpus* deste texto nomear a ‘prostituta’.

- h) Circunlóquios, fazendo uso, as vezes excessivo, de palavras para se evitar o termo tabu, com o objetivo de apresentar certa polidez ao interlocutor.

Nos dados que são arrolados no próximo tópico, pode-se observar, como base na classificação de Benke (2012, p. 170), que as variantes recolhidas podem ser agrupadas, em sua maioria, em duas categorias, de acordo com o traço semântico que as identifica: i) perfil ou caráter e ii) as lexicalizadas como sinônimos diretos para ‘prostituta’. Em relação ao primeiro item, o falante utiliza eufemismos e disfemismos para nomear a profissional do sexo, podendo as formas apresentarem caráter mais ou menos ofensivo, a depender da resposta do informante. Sobre o segundo, o informante alude às formas já conhecidas para designar (e dicionarizadas) para cognominar a ‘prostituta’.

A seguir, na próxima seção, os aspectos da Dialetoлогия aqui mencionados serão associados aos dados do *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins* (ALiTTETO) (Silva, 2018), sob os quais a análise dialetológica sobre as variantes que designam a profissional do sexo será feita.

4 Nomeações para a ‘profissional do sexo’ pela disposição geolinguística

A coleta de dados para compor o *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins* (ALiTTETO)¹⁴ (Silva, 2018) ocorreu em 12 localidades tocantinenses, com oito informantes por localidade, divididos em três variáveis: idade, sexo e tipo de mobilidade. Sobre a primeira, foram inquiridos falantes de duas faixas etárias: 18 a 30 anos e entre 50 e 65 anos, ambos os sexos. Sobre a terceira variável, contrastaram-se dois grupos de informantes: os topoestáticos, ou seja, os locais, nascidos e criados na cidade pesquisadas, em cotejo aos topodinâmicos, falantes que habitam a localidade há mais de 10 anos, mas oriundos de deslocamentos ou migrações.

Aos 96 informantes foi aplicado questionário dialetal semiestruturado e composto por 295 questionamentos, distribuídos em contextos fonético-fonológicos, semântico-lexical, morfossintáticos, relatos livres e perguntas relacionadas às crenças e atitudes linguísticas. No subquestionário semântico-lexical, especificamente no campo ‘Convívio e Comportamento Social’ foi indagada ao informante a pergunta de número 112: “Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?” (Silva, 2018, p. 25).

¹⁴ O respectivo atlas foi realizado como tese de doutorado vinculado ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera.

Foram obtidas 180 respostas distribuídas entre 19 formas, número considerado bastante elevado, indicando que a pergunta perfaz respostas com extremo polimorfismo léxico-semântico, exemplo também observado a partir da cartografia presente no *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) (Cardoso *et al.* 2014), com os dados das capitais brasileiras para este mesmo questionamento. No atlas nacional, optou-se pela fragmentação entre dois grupos de cartas: as L15 A, composta por 05 cartogramas¹⁵, com as formas mais produtivas, e as cartas L15 B, com mais 05 cartas, remetendo somente aos designativos a partir do lema *mulher*.

Para a análise que se segue, é importante salientar que a investigação da provável etimologia das formas foi conduzida consultando o dicionário geral da língua Houaiss e Villar (2001). As formas auferidas no Tocantins estão dispostas no quadro 01 a seguir, seguindo a ordem de produtividade.

Quadro 01 - Designações para a 112 – ‘a mulher que se vende para qualquer homem’ e respectivos números de ocorrências e percentuais.

| | | | | | |
|---------------------------|----|-------|--------------|---|------|
| Prostituta | 61 | 33,5% | Sem-vergonha | 4 | 2,2% |
| Rapariga | 36 | 19,8% | Meretriz | 3 | 1,6% |
| Puta | 24 | 13,2% | Bandida | 3 | 1,6% |
| Mulher... | 10 | 5,5% | Traidora | 2 | 1,6% |
| Vagabunda | 8 | 4,4% | Cachorra | 2 | 1,1% |
| Garota/mulher de programa | 7 | 3,9% | À toa | 2 | 1,1% |
| Biscate | 4 | 2,2% | Quenga | 2 | 1,1% |
| Piriguete | 4 | 2,2% | Rameira | 1 | 0,6% |
| Safada | 4 | 2,2% | Oferecida | 1 | 0,6% |
| Vadia | 4 | 2,2% | | | |
| 182 | | | | | |

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do ALiTTETO (Silva, 2018).

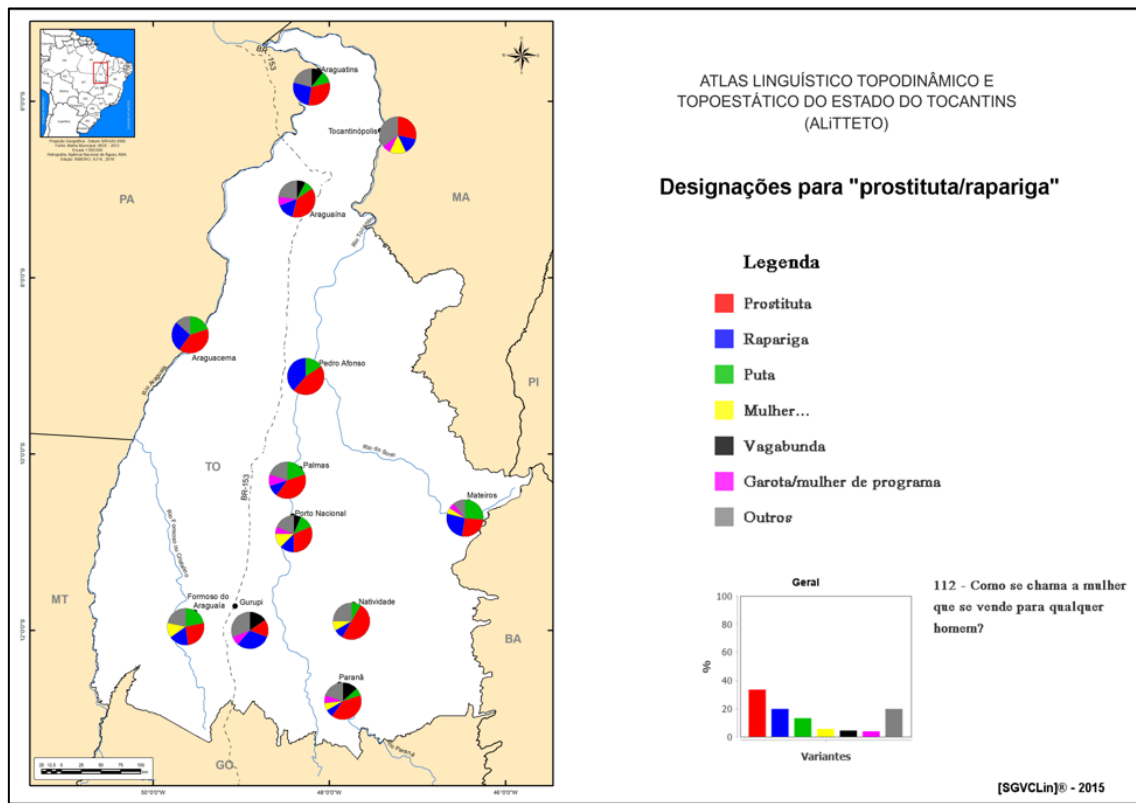
As três formas com maior volume de citações são, respectivamente, ‘prostituta’, ‘rapariga’ e ‘puta’, todas lexicalizadas para a ‘mulher que vive da prostituição’ e podem ser inseridas na categoria semântica II: variantes dicionarizadas para o referente em questão. A

¹⁵ Os cartogramas são divididos pelas Regiões brasileiras.

primeira, com mais de 33% das respostas, ‘prostituta’, é a predominante no Tocantins, com divisão diatópica equânime pelo território de pesquisa, constando em todas as 12 localidades, como se pode verificar no cartografia dialetal a seguir:

Figura 1: Distribuição diatópica das variantes coletadas a partir do questionamento QSL 112 – designações para a *profissional do sexo*¹⁶

¹⁶ Com a finalidade de facilitar a leitura, inseriram-se apenas as seis (06) formas mais produtivas; as demais estão agrupadas sob o rótulo ‘Outros’.



Fonte: Elaborado pela autora a partir do banco de dados do ALITTETO (Silva, 2018).

No *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) (Cardoso *et al.*, 2014), na carta diatópica geral, as seis formas mais produtivas nas capitais brasileiras foram, respectivamente, “prostituta”, “mulher...”, “puta”, “rapariga”, “meretriz” e “rameira/rompeira” (Cardoso *et al.*, 2014, p. 229), as quatro primeiras também correspondem às mesmas lexias apuradas no Tocantins, mas em ordem produtiva distinta.

A segunda forma coletada, ‘rapariga’, também foi proferida em todo o espaço de pesquisa, sem necessariamente formar áreas de ocorrência. O termo que, em Portugal, é usado para cognominar as moças/mulheres jovens, no Brasil, tomou conotação de ‘prostituta’, ‘meretriz’, sendo indicado por Houaiss e Villar (2001) como um regionalismo do Nordeste do Brasil e também dos estados de Minas Gerais e de Goiás como sinônimo para a mulher que se vende. Já no ALiB (Cardoso *et al.*, 2014), ‘rapariga’ é quarta forma mais produtiva e ocorre com maior intensidade nas capitais nordestinas, corroborando o apontado pelo dicionarista.

‘Puta’, aparentemente, das três mais formas mais produtivas, seja a que mais forneça a impressão de tabu linguístico, de uso pejorativo. Foi proferida em 10 cidades tocantinenses, não ocorrendo em Gurupi (sul) e em Tocantinópolis (norte). Sua etimologia é controversa, segundo

Houaiss e Villar (2001), podendo se originar do feminino de ‘*putus*’ (menino, rapazinho) em latim. Sobre a carga semântica disfêmica, os relatos dos informantes são elucidativos, inclusive pelo fato de que os discursos são acompanhados por risos: “Rapariga, puta. Num queria falá não. Puta (risos)” (07/8), “Rapariga. Hoje é puta, só nomes... feio (risos)” (10/8), podendo remeter ao item ‘c’ elencado por Monteiro (1986) como um tipo de gesto que acompanha o item tabuístico.

Sob a lema mulher, agruparam-se os complementos ‘da noite’, ‘da vida’, ‘do cabaré’, ‘do brega’, ‘fácil’, ‘safada’, citadas principalmente em localidades situadas no centro sul do Tocantins. Quanto às quatro primeiras formas do agrupamento, iniciados por de/do, restringem e especificam o nome ‘mulher’ e sua atuação ‘na noite’, ‘no cabaré’, ‘no brega’. Particularmente sobre ‘mulher do brega’, em Houaiss e Villar (2001), há o indicativo de se tratar de regionalismo da Bahia para a zona do meretrício.

No ALiB (Cardoso *et al.*, 2014), as formas introduzidas pelo elemento lexical ‘mulher...’ ocupam o segundo lugar no percentual geral das capitais brasileiras e o primeiro lugar na Região Nordeste, principalmente com a complementação ‘...da vida’ e ‘...de programa’ (Cardoso *et al.*, 2014, p. 241). De certa forma, é uma atribuição pejorativa fornecida à mulher, podendo remeter à figura feminina como a imagem de ‘pecadora’, descendente de Eva, a responsável por trazer o pecado original ao mundo, imaginário presente no contexto religioso.

Com número reduzido de citações, ‘vagabunda’ ocupa o quarto lugar, com 4,4% das respostas. A distribuição diatópica no cartograma indica que a forma ocorreu nos dois extremos do Tocantins: Araguaatins e Araguaína (norte) e Porto Nacional, Gurupi e Paranã (centro-sul). A variante pode ser considerada mais genérica para designar a ‘mulher que mantém relações sexuais’ por dinheiro. Houaiss e Villar (2001), por exemplo, remetem ‘vagabunda’ ao sinônimo ‘vadia’ e etimologia procedente do masculino ‘vagabundo’: aquele que leva a vida no ócio, indolente, vadio. A forma não consta entre as variantes mais computadas no ALiB (Cardoso *et al.*, 2014).

As formas agrupadas *garota* e *mulher de programa*, aparentemente menos tabuizadas, ocupam o quinto lugar de citações, e estão distribuídas por sete localidades, sem identificar formação de área dialetal. As formas não estão lexicalizadas em Houaiss e Villar (2001), mas há a identificação no verbete ‘programa’ como de regionalismo informal para o encontro de duas pessoas para fins sexuais, mediante pagamento. Ambas as formas também foram identificadas por Benke (2012), com dados dialetais das capitais brasileiras, sobretudo no

Norte¹⁷. O agrupamento perfaz uma forma de nomeação da profissional do sexo mais moderna, atrelada às mídias sociais, à prostituição de luxo, cuja profissional tem a opção de selecionar seu cliente.

Com apenas quatro citações cada (2,2%), tem-se as variantes ‘biscate’, ‘piriguete’, ‘safada’, ‘vadia’ e ‘sem-vergonha’. A primeira ocorre em quatro localidades distintas (Tocantinópolis, Mateiros, Formoso do Araguaia e Paranã), sem aparente conexão entre elas; está dicionarizada em Houaiss e Villar (2001) como sendo de uso regional e tabuístico próprio de São Paulo como sendo ‘prostituta de rua’ ou ‘mulher de prostíbulo’, ou seja, pertence à categoria semântica ii) pois já é expressão lexicalizada para a ‘prostituta’.

A forma ‘piriguete’ foi auferida em cidades mais centro-sulistas (Araguacema, Porto Nacional, Formoso do Araguaia e Mateiros) e como se trata de forma recente, não está lexicalizada em Houaiss e Villar (2001). São muitos os relatos da internet que buscam atribuir uma etimologia à ‘piriguete’, alguns remontam à palavra ‘perigo’ + ‘girl’ (garota), criando a ‘garota perigosa’ (Significados, [s. d]), outros leitores atribuem a seguinte formação ‘perigo’ + ‘ete’ (do francês, como diminutivo feminino), tal como ‘garçonete’, por exemplo. Tais relatos abundam etimologias criativas. O fato é que no Brasil o termo tem sido amplamente utilizado, inclusive em letras de música, como o rap do DJ Marlboro e MC Papo (2008), em que se descreve a forma de andar, vestir e se portar da ‘piriguete’ (Rocha, 2021).

Para Rocha (2021), ‘piriguete’ começou a ser utilizado a partir do ano de 2007 em consequência principalmente do *rap* supramencionado e da utilização do termo na novela *Duas Caras*, em que a personagem Gislaine (Juliana Alves) é classificada por Evilásio (Lázaro Ramos) como ‘piriguete’. Em relação à ‘safada’, ‘vadia’ e ‘sem-vergonha’, a distribuição diatópica não aponta aparente formação de áreas dialetais, por exemplo, nem a algum recorte social específico. Quanto à dicionarização, apenas ‘vadia’ é encontrada em Houaiss e Villar (2001) como sinônimo para ‘prostituta’, enquanto as outras duas estão lexicalizadas com atribuição mais geral, remetendo aquela que leva uma vida libertina, dissoluta, não necessariamente vinculada à profissão.

Com apenas três citações cada, tem-se ‘meretriz’ e ‘bandida’ (1,6%), ambas identificadas em Houaiss (2001) como “mulher que pratica meretrício, que mercadeja o corpo” e “mulher que pratica a prostituição ou tem vida sexual promíscua; piranha” (Houaiss; Villar,

¹⁷ Benke (2012) analisou os dados das capitais brasileiras, coletados pelo ALiB. Ainda, embora a autora não tenha agrupado ‘garota’ e ‘mulher’ em uma mesma entrada, como em nossos dados.

2021, [s. p]. A maioria das citações é identificada em localidades mais ao norte do Tocantins: ‘meretriz’ em Tocantinópolis, Araguaína e Paranã; ‘bandida’ em Araguatins, Formoso do Araguaia e Natividade.

Com a apenas duas citações cada (1,1%) e comportamento esparso das variantes tem-se ‘traidora’ (Palmas e Natividade), ‘cachorra’ (Araguatins e Gurupi), ‘à toa’ (Tocantinópolis e Natividade) e ‘quenga’ (Tocantinópolis e Porto Nacional). Das quatro formas, apenas uma apresentam o traço semântico para a mulher que se vende: ‘quenga’. Sobre as demais, ‘cachorra’ é identificada como um tipo de mulher vil, mulher desavergonhada, indecente, devassa, imoral (Houaiss; Villar, 2001); nomear a ‘prostituta’ como ‘cachorra’ é um processo metafórico, cuja mulher não teria parceiro fixo, tal qual as fêmeas caninas. Já ‘à toa’ procede da compreensão de que se refere a um tipo de mulher sem afazeres, desimportante, desocupada, remetendo ao entendimento de que ser uma ‘mulher à toa’ representasse uma escolha de levar a vida na desocupação, no ócio. ‘Quenga’, como supramencionado, é aludido por Houaiss e Villar (2001) como de uso tabuístico para a mulher que exerce a prostituição, sinônimo para ‘meretriz’; a etimologia procede do quimbundo ‘kienga’ ‘tacho’, regionalismo baiano.

Por fim, com apenas uma citação cada (0,6%) tem-se ‘rameira’ e ‘oferecida’, ambas coletadas em Araguaína. Apesar de as duas apresentarem dicionarização remetendo ao caráter sexual, apenas a primeira é compreendida como equivalente à ‘prostituta’, enquanto a segunda, ‘oferecida’, é identificada como aquela que se dá facilmente como parceiro sexual (Houaiss; Villar, 2001). ‘Rameira’ procede de “ramo + *-eira*; nome dado no século 15, em Portugal, às frequentadoras de tabernas que, para assinalarem sua presença, ostentavam na porta ramos de árvores” (Houaiss; Villar, 2001, [s. p]).

Considerações finais

A partir do retrospecto histórico-social abaliza-se como a figura simbólica da ‘profissional do sexo’ foi vista ao longo dos séculos: de uma respeitável figura religiosa, as prostitutas-sacerdotisas, representantes da grande Deusa, perpassando à figura de mulher pecadora e impura, imputada a partir do ideário religioso. Ainda, nota-se desde os primórdios dois tipos de prostituição: a de ‘luxo’, cuja profissional dispõe de certo poder social e pode selecionar seu cliente. O segundo tipo é a prostituição do ‘baixo meretrício’, em que a mulher é estigmatizada socialmente e muitas vezes não possui a opção de escolher sua clientela e atua à mercê de muitos perigos, nas ruas ou em casas específicas.

Do segundo grupo, principalmente, são decorrentes as concepções tabuísticas, ou seja, as referências nominais atribuídas à mulher que vive da prostituição, expressões carregadas de disfemismos, que podem, a partir do *corpus* analisado, serem classificadas entre i) perfil ou caráter da profissional do sexo, cujo falante atribui nomeações vinculadas à sua natureza, tais como: ‘vagabunda’, ‘safada’, ‘vadia’, ‘sem-vergonha’, ‘à toa’. No segundo grupo estão as formas ii) lexicalizadas como sinônimos diretos para a ‘prostituta’, na qual encontram-se as lexis já amplamente conhecidas e dicionarizadas para designar a profissional, tais como: ‘rapariga’, ‘puta’, ‘meretriz’, ‘quenga’ e ‘rameira’ – as três últimas são descritas por Houaiss e Villar (2001) como regionalismos.

No que subjaz à análise diatópica, o *corpus* não evidenciou no Tocantins a formação de áreas específicas de ocorrência de variantes. As formas mais produtivas no cômputo geral foram ‘prostituta’, ‘rapariga’ e ‘puta’, coadunando, em partes, o comportamento dialetal averiguado no *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) (Cardoso *et al.*, 2014). com os dados das capitais estaduais. Quanto ao agrupamento sob a entrada ‘mulher’, ocupando o quarto lugar no total geral, pode aludir a um tipo de mácula relacionada especificamente ao sexo feminino: a mulher como responsável pelo pecado, pela desonra.

Por fim, questões que envolvem o universo da sexualidade humana suscitam os mais diversos sentimentos, percepções e atitudes por parte dos indivíduos, terreno fértil para vários tipos de estudos, sobretudo os versados na análise dialetológica como o que se desenvolveu. Espera-se que trabalhos futuros possam ser concebidos, podendo, inclusive partir de outras frentes teóricas (crenças e atitudes linguísticas, por exemplo), na tentativa de descrever os processos tabuísticos envolvidos na linguagem.

Referências

ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Editora Escala, 1887.

ANDRADE, Mário. *Amar, verbo intransitivo*. Rio de Janeiro: Villa Rica, 1927.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Braz Cubas*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4826>. Acesso em: 17 mar. 2023.

BATISTA, Keila Fernandes. Debate Historiográfico Acerca da Ideia de ‘Prostituição Sagrada’ no Antigo Crescente Fértil. *Revista Vernáculo*, Curitiba, n° 28, p. 187-213, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rv.v0i28.31635>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/31635>. Acesso em: 08 jul. 2023.

BENKE, Vanessa Cristina Martins. *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. 2012. 313f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

Disponível em:

https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/dissertacao_benke_vanessa._tabus_linguisticos.pdf.

Acesso em: 17 maio 2023.

BIBLIA sacra juxta Vulgatam Clementinam- Edictio Electronica. Michael Tweedale (Ed.).

Londres: MMV, 2005. Disponível em: <https://www.wilbourhall.org/pdfs/vulgate.pdf>. Acesso em 05 fev. 2023.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Ave-Maria*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2016.

BRUNA SURFISTINHA. *O doce veneno do escorpião*. Pandas Books: 2005.

BRUNA SURFISTINHA. Dir. Marcos Baldini. Imagem Filmes, 2011. 1 DVD (2h11min.).

CARDOSO, Suzana Maria Alice. *et al. Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1*.

Londrina: Eduel, 2014.

CORDEIRO, Tiago. Quem foram as primeiras mulheres a chegar ao Brasil. *Super*

Interessante, [s.d]. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/as-mulheres-do-brasil/>.

Acesso em 16 mar. 2023.

DESMUNDO. Direção: Alain Fresnot. A. F. Cinema e Vídeo; Columbia Tristar Home Video, 2022. 1 DVD (1h41min.).

DIAS, Cirilo. Puta de respeito. *TPM Comportamento*, 2007. Disponível em:

<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/puta-de-respeito>. Acesso em: 17 mar. 2023.

DJ MARLBORO; MC PAPO. Piriguete. In: DJ MARLBORO. *Funk Brasil Mais Funk*. Link

Records, 2008. Faixa 20 (3min50s)

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss eletrônico*. Instituto

Antônio Houaiss. Objetiva, 2001.

LE PETIT ROBERT: Version électronique du Nouveau Petit Robert:

dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française.

Paris; Bruxelles: Dictionnaires Le Robert VUEF; Bureau Van Dijk, 2001. 1

CD-ROM. Version 2.1.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Prostituição a brasileira: cinco histórias*. São Paulo:

Contexto, 2015.

MIRANDA, Ana. *Desmundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

MONTEIRO, José Lemos. As palavras proibidas. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 11, n. 12, p.

11-23, jul./dez. 1986. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17320>. Acesso em 07 out. 2023.

MOREIRA, Ariágda dos Santos. O espaço da prostituta na literatura brasileira no século

XX. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, Belo Horizonte, v. 12, p. 237-250, 2007.

Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/viewFile/190/142>.

Acesso em 08 jul. 2023.

NÓBREGA, Manoel. *Cartas do Brasil do padre Manoel Danobrega (1549-1560)*. Rio de

Janeiro: Imprensa Nacional, 1886. Disponível em:

<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8016>. Acesso em 08 jul. 2023.

NOVO TESTAMENTO Interlinear Grego-Português. Barueri, SP: Sociedade Bíblica Do Brasil, 2004.

OLIVEIRA, Thaís Zimovski; GUIMARÃES, Ludmila Vasconcelos; FERREIRA, Debora Pazzeto. Mulher, prostituta e prostituição: da história ao jardim do Éden. *Teoria e Prática em Administração (TPA)*, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 139–169, 2017. DOI: <https://doi.org/10.21714/2238-104X2017v7i1-33214>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tpa/article/view/33214>. Acesso em: 08 jul. 2023.

PARENT-DUCHATELET, Dufour *et al.* *História da prostituição*. São Paulo: Júpiter, 1955.

O MEU RUBI. *Site Sugar Daddy, Sugar baby, Sugar Mommy*, [s.d]. Disponível em: <https://meurubi.com/>. Acesso em 10 jul. 2023.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine*. Paris: Arthus Bertrand, 1851. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7243>. Acesso em 16 mar. 2023.

SIGNIFICADOS. O que é uma Piriguete. *Significados*, [s.d]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/piriguete/>. Acesso em 10 jul. 2023.

SILVA, Greize Alves. *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)*. 2018. 398f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SILVA, Juliana Teixeira de Freitas. Esboço historiográfico sobre a prostituição feminina até o Século XVIII: do sagrado ao mal necessário cristão. *Revista Sociologia Jurídica*, [s.l], n. 16, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://sociologiajuridica.net/esboco-historiografico-sobre-a-prostituicao-feminina-ate-o-seculo-xviii-do-sagrado-ao-mal-necessario-cristao/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SOARES, Luiz Carlos. *Prostitution in nineteenth-century Rio de Janeiro*. London: University of London, Institute of Latin American Studies, 1988. Disponível em: https://sas-space.sas.ac.uk/3384/1/B55_-_Prostitution_in_Nineteenth-Century_Rio_de_Janeiro.pdf. Acesso em 17 abril 2023.

ULLMANN, Stephen. *Semántica*. Trad. Juan Martín Ruiz-Werner. Madrid: Aguilar, 1965.

WALDMAN, Berta. Entre braços e pernas: prostitutas estrangeiras na literatura brasileira do século XX. *Remate de Males*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 25-53, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327354822_Entre_bracos_e_pernas_Prostitutas_estrangeiras_na_literatura_brasileira_do_seculo_XX. Acesso em: 17 mar. 2023.

RIBEIRO, Karine de Medeiros. *Putagrafias: análise discursiva de autobiografias de prostitutas brasileiras*. 2020. 183f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1640653>. Acesso em: 26 abr. 2023.

ROCHA, Helton Menézio Urtado. ‘Piriguete’ e outros ‘-etes’: registro lexicográfico e polêmica de sentidos. 2021. 213f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1641423>. Acesso em: 26 abr. 2023.



Recebido em 11 de outubro de 2023
Aceito em 09 de março de 2024